



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 152/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

CUIDADOS HUMANOS

Li que o Rio, de população muito menor, tem mais academias de ginástica do que São Paulo. Duas explicações: os cariocas se dedicam mais ao cuidado do corpo ou têm mais disponibilidade de tempo para o trato pessoal.

Acredito mais na primeira hipótese, seja porque os cariocas usufruem da imensa orla da praia e têm muito mais oportunidades, e até mais gosto, para a exposição do corpo; seja porque, na distribuição do tempo escasso, desenvolveram uma tradição de prioridade maior ao senso estético da figura pessoal. Isso é um julgamento da observação pessoal, superficial, muito ao gosto do político, que sou, que sempre precisa encontrar respostas rápidas para questões profundas. Os cientistas, os acadêmicos obviamente rejeitam essas razões. Mas aqui vou ficar com elas, até pela falta de outras mais acuradas.

O cuidado com o corpo é também um cuidado com a saúde; essa é uma visão nova, da modernidade, presente hoje no mundo inteiro. E há academias muito especiais de ginástica medicinal, onde os clientes são submetidos a uma minuciosa avaliação prévia e depois a exercícios dosados e monitorados quase como num hospital, seguidos de reavaliação semestral capaz de mostrar os resultados.

Estamos falando, porém, das motivações e das academias ordinárias, que prometem a esbeltez e a moldagem do corpo. E o que quero trazer em paralelo às minhas considerações é o outro tipo de cuidado humano, correspondente à outra face do ser: quero falar dos cuidados da alma. E começar dizendo que a minha sensação é de que, nesta preocupação, como na do corpo, os cariocas são, também, mais dedicados que os paulistas. Refiro-me à dedicação aos afetos, sentimentos, amizades, confraternizações, ao lazer em grupo, o chamado “happy hour”, à música particularmente e à arte em geral, à religião, às leituras como um todo. Outra vez é puro sentimento, não tenho nenhuma informação organizada.

Faço esses julgamentos e os tenho reforçados pela freqüência com que vejo cariocas que querem ganhar dinheiro mudarem-se para São Paulo, submetendo-se muitas vezes à rotina cruel da ponte aérea toda semana para não perder o vínculo com o Rio, como se observassem uma lei que diz: ganhar dinheiro é em São Paulo; viver é no Rio.

Neste ponto, todavia, cariocas e paulistas estão submetidos à mesma tortura diária dos exaustivos deslocamentos casa-trabalho, que frequentemente consomem quase duas horas na ida e outras tantas na volta; tiradas do descanso, do lazer e das ocupações da alma. Um verdadeiro horror em termos de qualidade de vida.

E é aonde quero chegar: na afirmação da necessidade humana, fundamental, de dispor de mais tempo para esses cuidados essenciais do ser, do corpo e da alma. Necessidade fundamental que requer, imprescindivelmente, a redução da jornada de trabalho.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 152/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

Trata-se de uma libertação que a tecnologia viabilizou completamente e que começa, muito timidamente, a ser efetivada em várias partes do mundo mais rico. As informações são de que as empresas que adotaram espontaneamente essa redução, ainda pequena, não tiveram nenhuma razão de arrependimento mas foram recompensadas com um substancial aumento da produtividade do trabalho de seus empregados. O que o humanismo está reclamando é uma institucionalização global desta redução. É muito difícil, para um país sozinho, adotar uma jornada significativamente menor, por exemplo, uma jornada de seis horas diárias, já que perderia, inicialmente, sua condição de competitividade econômica em relação ao resto do mundo. Esta é uma questão mundial; uma tese para o Fórum Social Mundial.

É uma questão aberta à iniciativa política dos líderes mais avançados e prestigiosos do mundo; é uma questão aberta aos sindicatos fortes que desfrutam de capacidade mais funda de visão. A jornada já foi de 12 horas, custou muita luta para baixar para dez e para oito. Por que parou aí, justamente na era do grande desenvolvimento tecnológico, que multiplicou por muito mais que dez a produtividade do trabalho humano?

Numa jornada de seis horas, o capital poderia trabalhar doze por dia, com duas equipes de trabalhadores: compensaria suas perdas e, como decorrência, acabaria com o pavoroso flagelo do desemprego no mundo. E daria ao ser humano essa grande margem de tempo para apurar os cuidados essenciais do corpo e da alma; para ser mais humano.

Eu afirmo a viabilidade econômica desta reivindicação; a questão é eminentemente política, e acho que o nosso grande líder, Lula, bem poderia sair pelo mundo, com a respeitabilidade que adquiriu, clamando, em nome da Humanidade, por essa grande realização humanística.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br